

CORPOS INDÓCEIS: JUVENTUDE, IDENTIDADE E (EMO)ÇÃO

Monica Vasconcellos Cruvinel
Doutoranda em Linguística – IEL/UNICAMP
moluka@uol.com.br

RESUMO: Em meados da década de 80, nos Estados Unidos, tem início um movimento juvenil denominado EMOCORE - uma vertente do punk rock, cuja ideologia é a expressão máxima dos sentimentos e emoções. Neste trabalho, observo como alguns jovens EMOS brasileiros (re)significam a ideologia deste movimento. Procuro compreender as práticas discursivas destes sujeitos e os processos identitários desta cultura juvenil marcadamente performática. Analiso como a vida, a sexualidade e a morte constituem estes sujeitos e seus discursos e, como estes corpos saturados de EMOções, transgridem regras secularizadas em nossa sociedade.

PALAVRAS CHAVES: Culturas Juvenis, Identidades, Performatividade, Emocore.

Introdução

É no período pós-guerra que é possível observar a ascensão das culturas juvenis como subculturas, contraculturas ou mídias-culturas. Se antes a adolescência era compreendida como uma faixa etária que marcava a transição para o mundo adulto, observamos que: 1) a implementação da escola de massa, que marca uma separação interclassista entre família e produção; 2) o surgimento da mídia que produz novos tipos de discursos, sensibilidade, sexualidade e estilos de vida; 3) o crescimento da cidade como metrópole, difundindo um espaço repleto de novos signos; vão configurar um terreno fecundo para a constituição da identidade do “jovem” como categoria social.

Dos anos 50 aos anos 70 no ocidente, verificamos que os discursos juvenis começam a se afirmar em espaços transnacionais através da música, do cinema e dos discursos políticos. Se por um lado esses processos discursivos aparecem inscritos em uma ideologia classista de massificação e dominação dos sujeitos, tanto no interior das sociedades, como também entre sociedades distintas (i.e. impacto do rock e do cinema norte americano em todo o mundo), por outro lado, observam-se, mesmo que timidamente, os processos de hibridizações culturais, adaptações locais e traduções discursivas legítimas. Não podemos reduzir o rock brasileiro, por exemplo, a uma imitação do rock norte americano. Os sujeitos, a musicalidade, os interlocutores, o momento histórico, os aspectos culturais e sociais são diferentes. São diferentes as condições de produção dos discursos, portanto, diferentes são os discursos e os sentidos produzidos.

Os conflitos dos anos 60 no mundo ocidental mostraram as disputas políticas clássicas. As disputas de classe, a ressurreição dos partidos, as questões do trabalho, a militância estudantil. Na América Latina, vimos pulular organizações partidárias juvenis que militavam como resistência às ditaduras truculentas. Porém, no final dos anos 70 e início dos anos 80, a “política” deixa de se mostrar unicamente como a dos partidos e instituições e se abre para os fluxos desordenados da comunicação midiática e dos circuitos das metrópoles polifônicas.

Neste cenário, verificamos uma mudança estrutural da sociedade ocidental contemporânea: junto ao eixo vertical que compreende a sociedade hierarquizada em poderes institucionais e classistas (Estado, escola, igreja etc.), observamos a emergência de um eixo horizontal, que se constitui a partir da disseminação de grupos de resistências juvenis. Estes grupos se agregam pela partilha sentimental de valores, de lugares ou ideais. São comunidades sociais instáveis e nômades, que podem abrigar sujeitos de classes, nacionalidades, etnias, línguas, idades e gêneros diversos. Grupos que privilegiam as relações espaciais e locais de proximidade, embora esta proximidade possa ser garantida, muitas vezes, apenas no *ciberespaço*. Os sujeitos destas culturas juvenis realizam em suas práticas sociais e discursivas uma estetização da vida cotidiana através de atos performativos que transgridem as normas prescritivas que a sociedade lhes impõe. Dessa forma, vão constituindo suas múltiplas e cambiantes identidades. A arte torna-se, assim, um meio privilegiado de expressão destes jovens, quer através da música, das pichações, das danças ou da escrituração do próprio corpo.

Temos então, na atualidade, um panorama caracterizado por culturas juvenis fragmentadas, híbridas, midiáticas e transculturais. São jovens “intermináveis”¹, cuja passagem para o mundo adulto se

¹ Metáfora utilizada por Canevacci (2005).

antecipa e se dilata no tempo e no espaço, já não sendo marcada por uma faixa etária ou pela entrada no mundo do trabalho. Encontramos hoje, “jovens” entre 11 e 60 anos compartilhando os ideais de um mesmo grupo:

Lamentamos informar a pais e parentes (e filhos...) que a participação na subcultura Gótica não é uma fase da adolescência. Hoje temos Góticos dos 13 aos 45 anos, no mínimo. Para muitas pessoas, ser Gótico é algo para a vida toda, mesmo que para alguns destes a forma de participação e expressão, com o passar do tempo, se torne mais reservada ou discreta. (KIPPER, 2008)²

Para analisar as práticas discursivas destes jovens que se agregam por laços afetuais é preciso pensar na cidade como um complexo que se estende desde as ruas e edificações, até os *blogs*, *sites*, *fotologs*, *games*, *profiles*, *avatars*, *msns*. Uma cidade que abriga ruas, praças e avenidas, assim como endereços “www”, “.com”, “.br”, “.ar”, “.usa” etc.. Um espaço onde a informação circula rapidamente e a produção discursiva, ainda que regulada, é de muitos para muitos.

Temos assim, uma metrópole multi-língua, multi-étnica, multi-cultural, com dispositivos de subjetivação próprios que supõem embates políticos e econômicos entre as nações e as grandes corporações e entre os próprios sujeitos. Uma megalópole com milhares de excluídos, mas que se configura como espaço preferencial de circulação dos discursos dos jovens do mundo inteiro que têm acesso à internet. Uma cidade polifônica de vigorosa sociabilidade, em que diferentes grupos juvenis se apropriam de diferentes espaços e se permitem, a qualquer momento, mudar de lugar. Esta condição cambiante é marcada na materialidade de seus discursos, que alcançam maior visibilidade no universo *on-line*. É preciso estar atento aos trajetos que estes jovens e seus discursos percorrem e à provisoriabilidade constitutiva de suas identidades para compreender que posições estes sujeitos ocupam na sociedade contemporânea, enquanto membros de culturas juvenis.

Por uma história da amizade...

Segundo Foucault (2004:272), no decorrer dos séculos que seguiram à Antiguidade, a amizade representava uma relação social muito importante, uma relação na qual os sujeitos tinham a possibilidade de escolher e viver relações afetivas intensas. Estas relações tinham também implicações econômicas e sociais, uma vez que muitas vezes o sujeito tinha a obrigação de ajudar seus amigos. A partir do século XVI, tanto a amizade quanto os discursos sobre a amizade passam a ser interditados e o que começa a circular é o discurso de que a amizade é algo perigoso e ameaçador à escola, à família e à sociedade. Para o autor:

O exército, a burocracia, a administração, as universidades, as escolas, etc. - no sentido que se tem essas palavras nos dias de hoje - não podiam funcionar diante de amizades tão intensas. Podemos ver nessas instituições um esforço considerável por diminuir ou minimizar as relações afetivas, principalmente nas escolas. Quando se inauguraram as escolas secundárias, que acolheram alguns jovens rapazes, um dos problemas foi o de saber como se podia, não somente impedir as relações sexuais, claramente, mas também impedir as amizades. (FOUCAULT, 2004:273)

Ainda segundo Foucault, a homossexualidade surge como problema na sociedade ocidental, a partir do momento em que a amizade deixa de ser uma relação socialmente aceita. Desde então, o que fazem duas mulheres ou, principalmente, dois homens quando estão juntos, passa a ser um problema médico, jurídico e social. Além disso, as demonstrações de afeto entre pessoas do mesmo sexo e a expressão das emoções passam a ser reguladas por diferentes dispositivos de poder.

Na contemporaneidade, alguns jovens resistem aos interditos das relações sociais baseadas nos vínculos afetivos e se agrupam em comunidades onde partilham desejos, afinidades e ideais. (Re)significam, desse modo, a amizade como uma relação social legítima e se constituem como sujeitos nas *buscas de si* que fazem através do Outro. Para isso, lançam mão de disfarces e simulacros (vestimentas, piercings, tatuagens, imagens) que asseguram uma identificação, ainda que provisória e cambiante.

² Site de Henrique Kipper, autor do livro “A Black House in a Black Planet: Introdução à Subcultura Gótica”, disponível em: http://www.gothicstation.com.br/Coluna%20Kipper/06_1_Estrutura_Indicadores.htm acessada em 12/02/2009.

A internet configura-se, assim, como um espaço privilegiado para que os jovens reforcem os vínculos de amizade que possuem no mundo “real” e também potencializa as possibilidades de novos vínculos no mundo “virtual”. Vínculos rápidos e dinâmicos que ultrapassam as fronteiras da língua e as fronteiras culturais e geográficas. Estes jovens reinventam a amizade e subvertem os interditos de expressão da afetividade, principalmente entre sujeitos do mesmo sexo.

Juventude, identidade e EMO(ÇÃO)

Neste cenário encontramos os EMOS, grupo de jovens do movimento EMOCORE, que surgiu nos Estados Unidos nos anos 80 e chegou ao Brasil em 2003. Representam uma vertente do punk, que tem como ideologia a expressão máxima dos sentimentos e emoções. Suas músicas, diferentemente das músicas do punk **HARDCORE**, não trazem letras com questões sociais, politicamente engajadas - abordam temas pessoais e existenciais (amor, desilusão, melancolia e morte). Os EMOS colocam em circulação discursos que revitalizam e atualizam uma memória discursiva que remete aos românticos de segunda geração. Grande parte dos membros desta cultura juvenil é formada por adolescentes com idade entre 11 e 18 anos – jovens que, embora levantem a bandeira da não violência, muitas vezes praticam a auto-injúria e até o suicídio. São conhecidos pela forma efusiva como se beijam e se abraçam em público, assim como também pela maneira extremamente afetuosa como tratam seus pares em seus discursos exagerados que circulam no *ciberespaço*.

Estes jovens, precocemente, reivindicam formas diferentes de lidar com a sexualidade. Resistem à hegemonia da categoria heterossexual e do binarismo masculino/feminino, produzindo, *performativamente*, novas identidades de gênero. Podemos observar isto em um tópico de discussão da Comunidade **Odeio Preconceito Contra EMO (OPCE)**:

O discurso dos EMOS revela que eles resistem aos dispositivos disciplinadores de instituições como família, escola e igreja, que procuram há séculos docilizar os corpos a partir de uma matriz binária de identidade de gênero. Eles subvertem a ordem do discurso que estabelece que “meninas devem gostar de meninos” e que “meninos devem gostar de meninas”.

Escapam das categorias estanques e se afirmam: “*Bi, HT, Bee, Bi mais pra lésbica, multi, lésbica, HOMO, gay, curiosa em saber como é...*”. Enfim, estes jovens mostram que a identidade de gênero não se inscreve num corpo pré dado, ela é *performativamente* construída e engendra as suas próprias expressões tidas como seus resultados (BUTLER, 2003: 48). As identidades são múltiplas e se constituem nas interseções políticas e culturais e no momento histórico em que invariavelmente são produzidas. Além disso, o processo de identificação só é possível a partir da alteridade, ou seja, na relação que o sujeito mantém com seu outro:

Está na incompletude a energia geradora da busca da completude eternamente inconclusa. E como incompletude e inconclusão andam juntas, nossas identidades não se revelam pela repetição do mesmo, do idêntico, mas resultam de uma dádiva da criação do outro que, dando-nos um acabamento por certo sempre provisório, permite-nos olharmos a nós mesmos com seus olhos. Como muitos são os outros em cujos olhos habitamos para dar-nos um acabamento, nossas identidades são múltiplas, estabilidades instáveis a que sempre regressamos. (GERALDI, 2003:65)

A busca pelo outro é uma *busca de si*, uma vez que “as identidades individuais se constituem como resultado de experiências individuais, surgidas de ritualizações próprias de identidades coletivas” (PAIS, 2006:18). Deste modo, as relações de identificação das culturas juvenis são ritualísticas e capazes de seduzir ou escandalizar o outro, através de seus jogos de poder. Os jovens pertencentes à cultura juvenil EMOCORE possuem uma linguagem *obscena*³ - fora da cena, fora da norma, do convencional, do autorizado. Isto mostra que a identidade é, também, uma questão de linguagem.

Podemos encontrar os sujeitos EMOS desfilando pelas cidades (real e virtual) com seus corpos frágeis, pueris, translúcidos e “quase” ingênuos - vestidos com indumentárias infantis como meias listradas, presilhas de cabelo, acessórios da Hello Kitty, tênis All Star e roupas com estampas de criança. O discurso infantil produzido pelos EMOS, contraditoriamente, emerge, dialoga e entra em polêmica na espessura do corpo com piercings, tatuagens e acessórios do universo adulto e, na espessura do texto, com discursos interditados às crianças na sociedade ocidental; como os discursos da sexualidade e da morte.

³ Termo utilizado por José Machado Pais

Os sujeitos EMOS das mais diversas culturas tentam seguir um padrão de corpo do norte-americano branco, magro, de cabelos lisos e visual urbano. A internet assegura que este “padrão” alternativo se globalize, embora seja possível perceber as diferenças entre um jovem EMO de São Paulo, de Fortaleza, do México, da Itália e da Rússia. Os processos de traduções culturais e hibridizações também se mostram presentes entre as culturas juvenis.

A escrituração do próprio corpo através de piercings, tatuagens, vestimentas, maquiagens, cabelos e adereços é uma forma de *fetichização* do corpo que aumenta o poder de expressividade do sujeito. Contudo, “se todo fetiche é uma criação artificial que acentua a presença de uma perda, cabe reter a relação entre a aura do fetiche e a situação de carência que muitos jovens vivem” (PAIS, 2006:17). A dificuldade de inserção no mercado de trabalho e as novas configurações da família contemporânea colocam o jovem no mercado de consumo, através do dinheiro que recebem dos pais ou dos pequenos trabalhos que realizam. Assim, eles se entregam às máscaras e disfarces de uma realidade inventada, através da mercantilização de bens de consumo e da mercantilização de seus próprios corpos e de suas intimidades. A internet torna-se, portanto, mais um dispositivo tecnológico de “extração” da verdade. Se antes confessávamos nossos segredos, primeiro aos pais, depois aos médicos e psicanalistas - agora os jovens “confessam” seus desejos mais íntimos a todos os habitantes desta imensa cidade virtual. Espetacularizam suas vidas e implodem publicamente com alguns dos pilares da tradição que normatiza o que pode e o que não pode ser dito a respeito do sexo e da morte.

Numa época em que os sujeitos e as instituições procuram tecnologias para o prolongamento da vida e em que o poder soberano exercido sobre os sujeitos compartilha espaço com o poder biopolítico, exercido sobre as populações; observamos, paradoxalmente, um aumento significativo das taxas de suicídio entre adolescentes de todo o mundo. Nestas condições de produção, emerge o discurso de apologia à morte dos jovens EMOS. Discurso que revela o esvaziamento das condições de produção da subjetividade entre sujeitos adolescentes, moradores de grandes metrópoles, consumidores globalizados, que têm na internet, talvez um dos únicos espaços de sociabilidade. Se o suicídio é uma prática interdita e silenciada em nossa sociedade, alguns jovens EMOS subvertem este interdito e fazem da morte auto-inflingida um grande espetáculo. Espalham pelo *ciberespaço* seus anúncios de morte, tornando pública a insatisfação que sentem perante a vida que levam.

Os jovens EMOS se apegam ao universo das emoções, dos impulsos e dos afetos para subverter as normas prescritivas da sociedade contemporânea, cujo primado é o primado do pensar. Transitam entre a simulação (“pareço, logo sou”) e a idealização (“desejo, logo existo”) para constituírem suas múltiplas e provisórias identidades.

Soy EMO y que?

Ao subverterem as normas que interdita a sexualidade, a amizade e a morte entre adolescentes, os EMOS desestabilizam as práticas sociais e discursivas de jovens de outras culturas juvenis, bem como com os discursos estabilizados do universo adulto e de instituições sacralizadas. Os sujeitos EMOS são vítimas de preconceito e discriminação por parte de jovens e adultos em quase todo o mundo. Em março de 2008, assistimos a uma onda de violência contra os EMOS no México⁴, que fez com que a polícia do país e o Conselho Nacional de Prevenção contra a Discriminação tivessem que intervir. Em seguida, os próprios EMOS fizeram uma passeata para protestar contra os ataques de violência.

Em São Paulo, no Galeria do Rock⁵, principal reduto EMO da capital, freqüentemente os integrantes deste grupo são vítimas de violência por parte de outras culturas juvenis que também circulam pelo local: punks, metaleiros, skatistas etc.. Da mesma forma, a internet configura-se como um espaço privilegiado de circulação do discurso agressivo e preconceituoso contra os EMOS. Encontramos no Orkut inúmeras comunidades anti-emos:

O discurso anti-emo que circula no *ciberespaço* revela um preconceito, preponderantemente, de gênero. Veja o que o site Desciclopédia⁶ traz a respeito desta cultura juvenil:

⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL366070-7085,00.html>
<http://articles.latimes.com/2008/mar/28/world/fg-emos28>

⁵ Conglomerado comercial com mais de 450 estabelecimentos dedicados ao mundo do rock. Espaço onde muitas tribos urbanas, amantes do rock se reúnem para ouvir música, se encontrarem e assistirem shows.

⁶ Disponível em: <http://desciclo.pedia.ws/wiki/Emo>

Emo, do [francês](#) emo-fif, significa biba emotiva. Há também fontes que afirmam que vem do [latim](#) *emossae*, ou seja, "sem genitália". Emos são exatamente o cruzamento de [homossexualismo](#) com música [punk](#), em perfeita harmonia. Emos existem desde os primórdios da civilização, com as primeiras marcas em cavernas terem sido encontrados milhões de anos. A única diferença é que agora, ser emo está na moda. **Emo** também é [ome](#) ao contrário. Logo, emo é o contrário de ome. Segundo muitos especialistas a palavra emo deveria se escrever hemo, por ser uma abreviação de hemorróida. Assim, o emo é o [baitolo](#) por postulação. Se você é emo, é viadinho; mas se você for viadinho, não precisa ser emo necessariamente. Basta ter classe e sair do armário com discrição e noções de higiene.

É possível observar que os sujeitos EMOS constituem uma cultura juvenil que abriga uma diversidade de gênero que incomoda todos aqueles que se submetem às normas prescritivas da sexualidade. Seguem mascarados trazendo a contradição em seus corpos e seus discursos: masculino/feminino, cor/falta de cor, universo infantil/universo adulto, ingenuidade/erotismo, vida/morte. Deste modo, desnudam a contradição que é própria da condição humana. Os EMOS se colocam performativamente na contramão das regras instituídas pela sociedade contemporânea, a partir da experiência extremada das emoções. Neste gesto revelam que, se o poder passa necessariamente pelo corpo, o afeto e a emoção também o fazem. Ainda que seus corpos sejam marcados, são corpos indóceis, saturados de EMOções.

Referências

- LOURO, G. (Org.) **O Corpo Educado – Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2001.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero – Feminismo e Subversão**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- CANEVACCI, M. **Culturas eXtremas – mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2005.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1 – A Vontade de Saber**. São Paulo, Edições Graal, 2007.
- GERALDI, J.W. **A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética através da estética**. In: FREITAS, Maria Teresa; SOUZA, Solange Jobim; KRAMER, Sônia (Org.) - **Ciências Humanas e Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin**, São Paulo, Cortez Editora; 2003.
- LOURO, G. (Org.) **O Corpo Educado – Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2001.
- PAIS, J. M. **Buscas de si: expressividades e identidades juvenis**. In: ALMEIDA, M. I (Org.) **Culturas jovens – novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006